



## O MÉTODO PROSOPOGRÁFICO SOBRE O OLHAR DAS PERSPECTIVAS QUALITATIVAS E QUANTITATIVAS NO RACIOCÍNIO SOCIOLÓGICO

Andrews Veikman Nunes Caetano<sup>1</sup>

### GT10 - Práticas Investigativas na Educação Superior.

#### RESUMO

No campo epistêmico social encontramos debates que trazem à tona o efeito dos métodos qualitativos contrapondo-se aos quantitativos na busca de um trabalho reconhecido na academia. Não distante, a Metodologia que se torna o cenário dessas intercessões, moldou e foi moldada por tais situações. À vista disso, buscaremos responder quais as intercessões existentes no uso do método prosopográfico dentro das perspectivas metodológicas quantitativas e qualitativas na construção do raciocínio sociológico. Utilizaremos do mosaico metodológico para levantar pontos de força e fragilidade e como um método consegue cooptar técnicas e métodos nas diferentes linhas de pensamento.

**Palavras-chave:** Metodologia, Método, Qualitativo, Quantitativo, Técnicas.

#### ABSTRACT

In the social epistemic field we find debates that bring to the fore the effect of qualitative methods as opposed to the quantitative one, in search of a recognized work in the academy. Not far, the Methodology that becomes the setting for these intercessions, shaped and shaped by such situations. In view of this, we will try to answer the existing intercessions in the use of the prosopographic method within the quantitative and qualitative methodological perspectives in the construction of sociological reasoning. We will use the methodological mosaic to raise points of strength and weakness and how one method co-opts techniques and methods in different lines of thought.

**Keywords:** Methodology, Method, Qualitative, Quantitative, Techniques.

---

<sup>1</sup> Mestrando em Sociologia (PPGS/UFS), graduado em Economista (UFS). Pesquisador do Laboratório de Estudos sobre Mercados e Organizações na Sociedade (LEMOS/UFS). Professor voluntário na Universidade Federal de Sergipe no curso de Economia. E-mail: andrews.veikman@gmail.com  
Bolsista CAPES/FAPITEC.



## INTRODUÇÃO

Existe um amplo debate em toda literatura sociológica ao que tange o uso de métodos qualitativos e quantitativos para se trabalhar determinado fato social, onde o posicionamento do pesquisador se dá de maneira defensiva ao justificar a utilização destes na compreensão do seu objeto de pesquisa. Perante tal questão, buscaremos demonstrar de maneira clara que a utilização de ambos os métodos torna o trabalho significativo para academia e conseqüentemente evitará o tendenciamento no seu desenvolvimento e conclusão. (BECKER, 1997).

Não obstante, o próprio raciocínio sociológico que perpassa toda construção epistemológica deixa evidente para o pesquisador o posicionamento firme em seguir acurada escolha. Para trazer o entendimento do caráter sociológico da pesquisa, torna-se válido compreender como se desenvolveu a própria metodologia, bem como os métodos qualitativos e quantitativos.

Não tentaremos desconstruir esses dois fluxos, muito pelo contrário, partiremos do que já foi produzido para evidenciar que a própria concepção da classificação em qualitativo ou quantitativo não cabe ao método prosopográfico, no entanto, demonstraremos que a junção dos dois métodos já mencionados através da prosopografia são etapas que compreendem a construção do objeto estudado.

Partindo-se do ponto em que o conflito das duas correntes passa a ser epistemológico e antagônico, onde o rompimento dos métodos se faz necessário, para alguns, ao conceber novos posicionamentos, buscamos atrelado ao que já foi posto em prática, trazer o olhar prosopográfico.

Existem correntes sociológicas que dialogam e buscam definir um ou mais métodos, desta maneira, buscaremos levantar os pontos que possam encaminhar e embasar todo nosso discurso. O enfoco está na junção dos mais diversos métodos para explicar determinado fato social.

Utilizaremos da Prosopografia para demonstrar de maneira clara a interseção dos métodos quantitativos e qualitativos. O foco se dará na demonstração por meio do método que, por mais preciso e completo que sua escolha possa parecer, ainda necessitará de intervenção de outros procedimentos que o complementem.

Nosso ponto inicial tem como base o entendimento da metodologia de maneira direta. Ela é vista como um universo formado pelo conjunto de métodos, onde o estudioso que



domina as técnicas no uso do seu estudo é conhecido como metodólogo. Essa definição é concebida ao identificar sociólogos que se especializam no “desenvolvimento de teorias ou de métodos”, como “teóricos” ou “metodólogos”. A própria definição dá ao pesquisador a característica do “saber matemático”, subjetivando-se uma facilidade no uso de metodologias quantitativas. (Becker, 1977)

A popularização da metodologia concebida de maneira universal, ganha notoriedade ao assumir o desafio de ser uma “ciência objetiva e neutra” (Alves-Mazzotti, 2006). A busca por neutralidade é característica dita fundamental para um trabalho bem elaborado, tendo como resultado, verdades “incontestáveis”.

Antes de introduzir a análise clara de cada método, a fim de contextualizar toda a nossa base de estudo, faz-se importante o entendimento do próprio método, definido como, “procedimentos usados pelos homens na tentativa de compreender ou explicar alguma coisa” (Mills, 1982). De maneira mais direta, seriam ferramentas que possibilitam captar fenômenos sociais, ou por melhor dizer, transformar em escrita aquilo que se observa e interpreta. Os sociólogos têm um amplo campo de pesquisa para compreender as interações e acontecimentos. Os mesmos lançam mão da utilização de técnicas de pesquisa para absorver ao máximo tudo o que é possível captar, sendo o ponto fundamental, a criação de novos instrumentos ou a utilização de caminhos já percorridos.

Existe de fato, uma conexão entre a pesquisa sociológica e o método, contudo, não entraremos nesse debate, aceitando-se sua definição como sendo a, “metodologia como assunto de todos os sociólogos” (Becker, 1977), onde o próprio estudo específico das áreas constituídas como espaço de atuação do sociólogo, requer por parte da academia uma perícia e aceitação do uso comum metodológico.

Podemos vislumbrar algo estático, quando da utilização de determinada técnica para um estudo específico. De acordo com tal concepção, demonstramos de maneira direta o significado do método, como sendo nada mais que “formalizações particulares do procedimento, percursos diferentes concebidos para estarem mais adaptados aos fenômenos” (Ghiglione, 2013).

Em contraposição, encontramos na utilização do método de arquivos, a indicação de que é possível o ajuste de um método ao objeto, sendo o mesmo reconhecido como “metodologia de arranjo” (Heiman, 1997). Rompendo-se com a perspectiva estável do uso e forma, a capacidade de alocar e modificar o método ao objeto, vem da perícia ou familiaridade do sociólogo com o seu instrumento.



Ainda sobre o método de arquivo, quanto a sua utilização e resultados, pode-se identificar que o mesmo não responde em nada ao pesquisador. A menos que haja uma “reflexão precedente”, adotá-lo traz para as ciências sociais o seguinte questionamento: no que consiste a prova sólida de alguma interação social a não ser a própria interpretação do fato (Israel apud Paugam, 2015)?

Em paralelo à modificação do método para elucidar ou conferir um estudo mais aprofundado, ressalta-se a necessidade do uso dos “procedimentos de trabalho corretamente adaptados ao projeto”. (Ghiglione, 2013), cabendo a manipulação do que para alguns deveria ser padronizado e estático.

Na construção particular do método, encontramos fortes posicionamentos em defesa do próprio artesanato sociológico. Nele, todo pesquisador deve “formular seus próprios métodos de maneira que se adéquem a seus próprios problemas e ambientes” (Becker, 1977), ficando clara a ação de manipular algumas características e princípios ditos como marcos para os metodólogos. O resultado seria a facilitação e maximização dos resultados do estudo.

Partimos da perspectiva construída como algo equiparável a um procedimento que remete a aplicar os “mesmos métodos, como andam a estudar as mesmas coisas” (Giddens, 1987). Para melhor entendimento utilizaremos métodos e técnicas já conhecidos. Esse seria o nosso objeto de debate a respeito do alcance da sociologia no estudo de um fenômeno social, contudo, não caberia a análise da abrangência de um método.

Ao discorrermos de maneira breve o que de fato é um método, os seus objetivos e intencionalidades, concluímos que existem diferentes definições e apropriações. Assumiremos o significado do método como sendo a padronização, de maneira flexível, da adaptação e do uso de técnicas para abordar objetos que estejam no campo sociológico. De acordo com esse pressuposto, reconhecemos a sua extensão e profuso debate nos mais diversos campos, não somente sociais.

## **MÉTODOS QUALITATIVOS E QUANTITATIVOS NA SOCIOLOGIA: ENTENDENDO SUAS SIGNIFICAÇÕES**

Buscaremos não pontuar qual surgiu ou foi concebido primeiramente, mas entender seus significados e apropriações, bem como seus pontos de amparo. O método qualitativo tem a premissa básica de se utilizar do argumento individual do pesquisador para tratar determinada pesquisa. Visualizamos de maneira clara que, em muitos métodos



concebidos como sendo qualitativos, destaca-se o método da observação participante, no qual o posicionamento do pesquisador quanto ao universo observado ocorre de maneira atuante fazendo com que sua análise tenha como principal característica interpretações próprias.

Um fato que corrobora para o envolvimento do estudioso com o universo pesquisado, encontra-se no caso do observador participante coletar seus dados de pesquisa através do envolvimento direto com o grupo de estudo (Becker, 1997).

É evidente o posicionamento por parte do pesquisador ao observar determinado fenômeno e apesar do cuidado metodológico, não será possível evitar os questionamentos quanto a sua imparcialidade. Independentemente do que será estudado, sempre existirá a “necessidade de explicação separada e suplementar” (Costa et al. 2015).

Outro aspecto que influencia no papel atuante do sociólogo na metodologia citada, encontra-se na inserção do pesquisador no campo de estudo, onde a negociação de “permissão para aquilo que se quer estudar” (Becker, 1997), é processo essencial para a própria construção do objeto.

A vigilância epistemológica é o alicerce do posicionamento qualitativo. Apesar da obliquidade que poderá ocorrer, um trabalho bem estruturado com diversos levantamentos palpáveis e com alto rigor lógico na argumentação, onde a racionalidade é entrelaçada de tal maneira que torna difícil não questionar sua relevância (Giddens, 1999), tende a alcançar resultados similares ao método quantitativo.

Identifica-se o cuidado na utilização do método qualitativo, tendo no uso da técnica de entrevista um exemplo claro. Nele, a interação existente entre os personagens sofre com inclinações e princípios reservados ao aplicador da técnica. É na própria interação social que ocorrem os diversos acordos e trocas, existindo desde o momento da entrevista, a negociação a respeito das questões que deverão constar ou não no material que será analisado.

Um ponto importante no método de entrevista está na ação inevitável do pesquisador no momento da própria escrita. O mesmo tem que intervir e colocar em prática interpretações particulares, sendo este ato imperativo para a conciliação de “objetivos duplamente contraditórios, sendo eles: a análise da pessoa investigada e compreender suas tomadas de decisão” (Bourdieu, 2008).

O pesquisador deverá adotar a mesma postura neutra, imparcial e com rigor metodológico durante a interpretação dos dados e informações obtidas como resultado da entrevista, mesmo com o surgimento de pressões por parte dos agentes envolvidos no campo de pesquisa.



Segue de maneira parecida, o método de análise biográfica, no qual a existência da interpretação dos dados é descrita como o ponto de partida do que se pretende observar ou captar, não cabendo somente o levantamento, mas também o questionamento a respeito da relevância de determinado fato ou indicador, como por exemplo: a designação de um cargo político ou a ascensão social para explicar possíveis direcionamentos ou eventos. Um dos problemas do uso do método se encontra no “grande risco de generalizar” (Becker, 1997).

O método de pesquisa histórica se assemelha pela necessidade de abordar “dados que têm relação com ocorrências do passado” (Padilha e Borenstein, 2005), por meio da coleta, organização e avaliação crítica dos mesmos. Em suma, cabe ao estudioso o papel de questionar o que é de fato relevante, suscitando uma questão muito proeminente: o que seria importante para determinar os motivadores das colisões e relações sociais? O posicionamento isento não serviria como ponto de partida uma vez que deve-se lançar mão do que já foi estudado pelo próprio pesquisador.

Paralelamente, o método do estudo de caso ao agregar características análogas com os outros métodos citados sedimenta o papel atuante do pesquisador. O método defende que é possível adquirir conhecimento graças ao estudo exaustivo de um único fenômeno (Becker, 1997). Graças ao seu emprego de maneira conceitual e bem recebido, tornou-se amplamente utilizado. Seu objetivo se alinha a duas concepções: a compreensão de um grupo e suas características alinhando-se ao desenvolvimento de “declarações teóricas” sobre a regularidade de algum processo social (Becker, 1997).

O ponto central e basilar de crítica ao método qualitativo, encontra-se no risco da existência da imparcialidade do pesquisador sobre determinado objeto, sendo recomendado sempre o uso da neutralidade não como “princípio científico, mas um princípio deontológico<sup>2</sup>, ou um princípio prático de prudência” (Beaud e Weber, 2007).

A interpretação tendenciosa do pesquisador perante o universo estudado abre margem para o fortalecimento dos métodos quantitativos. Não obstante, a própria transmissão do que foi produzido torna-se uma barreira na comunicação. A utilização dos métodos quantitativos surge como recurso de minimização desse problema em virtude da “facilidade de como o processo é apreendido por qualquer pessoa” (Mills, 1982).

O método comparativo é uma alternativa quando não se há a certeza do fenômeno estudado. Ao se alinhar duas ou mais situações, permite-se uma facilidade no acompanhamento do processo de evolução social pelo interlocutor, ou seja, comparar casos

<sup>2</sup> Referindo-se à algo ético e moral, seguindo os preceitos previstos em lei (Becker, 1997).



que podem ou não estar presentes, sendo sua resposta a ligação entre fatos sociais estudados (Durkheim apud Gonzales, 2008).

Um ponto importante no levantamento do campo de estudo encontra-se no método de questionário, nele, o rigor que compõe suas perguntas permite ao pesquisador a análise de respostas diretas ou indiretas, restringindo em certo aspecto possíveis vieses. Os resultados, números de pesquisados e outros elementos fazem com que o trabalho obtenha os elementos necessários para ser bem compreendido e aceito. Este método quantitativo oferece como uma de suas principais atrações, a minimização de “conclusões não confiáveis” (Becker, 1997).

O método Survey permite ao estudioso liberdade na formulação do próprio questionário a respeito do universo ainda não estudado (Bolognesi e Perissinotto, 2015). Demonstra que o procedimento passa a ser um levantamento de dados, informações e características que possam se tornar significativas, por meio do uso estático de instrumentos (Freitas et al. 2000). Sem dúvidas a confiabilidade pode estar firmada, mas a generalização tem chance de ocorrer quando não se lança o olhar sociológico, além disso, a própria coleta de dados consegue se tornar uma grande dificuldade.

A técnica de amostragem segue o mesmo caminho, estratificando números e índices que tem como foco solucionar ou padronizar um fato social, no qual a percepção matemática assume papel importante nos esforços de “delinear a complexidade social” (Giddens, 1999).

Tal técnica por mais padronizada que seja em suas características e princípios, padece dos mesmos problemas encontrados nos métodos qualitativos, devido a busca do pesquisador por organizações que permitam o estudo e levantamento amostral (Becker, 1997). Aqueles grupos nos quais o pesquisador não tem acesso, farão parte do índice de erro que deverá constar na conclusão do estudo, dependendo do grau desse indicador, o resultado poderá inviabilizar a generalização do ambiente estudado.

O uso matemático de forma direta no método estatístico traz a concepção da utilização de tabelas como delineadores do raciocínio sociológico (Passeron, 2004), expondo de maneira clara o papel imparcial do pesquisador na montagem da tabela, mas as escolhas dos indicadores, advém sim, do posicionamento individual do mesmo, especificando uma série de “questões empíricas nitidamente focadas, a partir de um problema geral” (Giddens, 1999).

Há de fato, um amplo debate a respeito das correntes que defendem as pesquisas empíricas, aprofundar-se em tal disputa nos levaria aos clássicos considerados por Parsons em



sua obra intitulada *A Estrutura da Ação Social*, no qual o mesmo apresenta representações e contribuições destes expoentes. Dessa forma, tomaremos o empírico como técnica que transcende a experimentação, onde a capacidade de oferecer resposta para um enigma sugere um excelente “indicador de qualidade sociológica” (Paugam, 2015).

O uso de modelos quantitativos traz limitações no teor explicativo onde sua “extensão” encontra-se limitada e dependente de um levantamento particular do estudioso (Giddens, 1999). Não tem o significado concreto sem a intervenção ou explicação do que representaria dado número, ficaria, então, sujeito a simples aleatoriedade ao escolher qual número representaria o universo.

Na técnica de Arquivo poderíamos ilustrar a hipótese levantada, no qual o pesquisador coletaria documentos que seriam escolhidos ao acaso. Isso ocorreria devido à ausência de uma reflexão a respeito do que se quer estudar, isentando-se do uso de qualquer instrumento Qualitativo.

Em alguns casos observados encontramos a escolha entre um método ou outro, contudo, o mais indicado seria a utilização dos dois. Nesse panorama de interseções e quebras tentaremos trazer para o debate a prosopografia como detentora das duas características. Afinal, a escolha de técnicas empíricas não se separa da própria construção teórica da definição adequada do elemento (Boudieu, 1989).

A separação seria nada mais que a definição da evolução das próprias correntes sociológicas, onde parte-se do já conhecido para o inovador. Nos deparamos com o ápice para todo sociólogo, arbitrando-se na capacidade de tornar “coisas teóricas” concebidas em sua importância em objetos “empíricos” tomando a perícia em sua escolha (Bourdieu, 1989).

Partindo-se do entendimento desses caminhos, poderemos trazer o olhar prosopográfico e como ele consegue amparar de maneira prática estas correntes. O distanciamento e quebra, para este método, não traz o benefício almejado pelo sociólogo.

## **O MÉTODO PROSOPOGRÁFICO COMO UM EXEMPLO DE INTERCESSÃO METODOLÓGICA**

Obtida a base de debate entre as correntes, cabe ao método prosopográfico explicar de maneira prática e teórica a viabilidade dos caminhos ditos como opostos se complementarem. Partiremos de como foi estruturado o conhecimento prosopográfico e as suas aplicações, deixando claro como ocorreu o seu desenvolvimento.



A prosopografia é um método que teve no berço da história o seu reconhecimento inicial, sendo a sua “paternidade” centro de disputa pelos “historiadores da antiguidade” (Charle, 2006). Tal conflito é evidente tendo em vista a importância da criação de uma ferramenta considerada um marco que facilitaria o trabalho de todo estudioso.

A popularização da prosopografia deveu-se por evitar um problema comum em alguns métodos: o de acesso a certos grupos, principalmente a elite. A negociação que ocorre para ter acesso a um grupo pode apresentar inconsistências já identificados por Bourdieu, como o Bias<sup>3</sup>.

O estudo das elites é tema comum nas pesquisas, talvez pelo fato desse grupo ser restrito a pequena parte da população. Vislumbrar o que ocorre nos espaços ocupados por eles traz uma popularidade positiva ao sociólogo.

Não podemos deixar de citar que a queda no número de estudos que retratam grandes aglomerados como o caso dos operários, camponeses e a burguesia, trouxe à tona estudos mais específicos, como a “micro história social” que tinha no seu uso o método prosopográfico (Charle, 2006).

Antes de mais nada, é importante entender a origem e pontos para o surgimento do método. A palavra prosopografia assemelha-se ao significado da compreensão de obras artísticas, onde a descrição de uma pessoa emoldurada em uma tela, delineia de maneira real ou fictícia um personagem real ou não (Lalouette, 1983).

O método prosopográfico tem sua origem na história, no estudo de grupos ou figuras históricas. Foi utilizado como instrumento para apreender fatos que definiram os caminhos de toda a evolução humana. A apropriação ou sequestro do método para a sociologia ocorreu graças aos trabalhos de Bourdieu, ao estudar grupos de distintas esferas sociais na França.

A transformação do individual para o coletivo ocorre a partir do século XIX. Durante este período, ocorre a principal mudança no uso da prosopografia, abandonando-se o estudo de um personagem e iniciando-se a análise de grupos sociais. A prosopografia passa a definir uma população por meio de questionários, no qual os critérios e as variações identificam as diferentes dinâmicas sociais, bem como costumes e relações, de acordo com o questionário analisado (Charle, 2006).

A demarcação de um fato social torna-se a essência do método. O foco está na seguinte concepção: expor para os outros, pontos relevantes para os estudos que deverão ser

<sup>3</sup> Pode ser traduzido como viés, parcialidade, preconceito.



levados em conta. Ela é comparada a uma pintura, devido a representação de indivíduos, em feitos ou acontecimentos.

Cabe avaliar o uso quantitativo na obtenção das informações necessárias, guiando o raciocínio a respeito do objeto de estudo e utilizando-se de critérios próprios para identificar nas biografias coletivas, características presentes em seu questionário. O objetivo está centrado em apreender o funcionamento social ideal das instituições ou dos meios onde agem os indivíduos estudados (Charle, 2006).

As escolhas dos indivíduos ou grupos sociais se dá pelo grau de importância dos mesmos nas sociedades, desta forma, a relevância do trabalho é medida na mesma proporção do grupo. A fase de escolha do grupo requer um alto grau de reflexividade e contemplação sociológica. Podemos identificar de maneira simples o grau qualitativo que deve existir para o bom resultado do trabalho neste momento.

Não obstante, o pesquisador se atém a dois aspectos importantes no seu estudo. Por um lado, tem a pesquisa do indivíduo que apresenta escassez de informações, levando a erros comuns de se presumir certos acontecimentos e por outro se detém a vastos campos de estudo, obtendo uma infinidade de dados e análises já realizadas (Charle, 2006).

Um passo importante para qualquer pesquisa e escolha do método, encontra-se na reflexão lógica do objeto que deverá ser estudado, mesmo que isso não impeça a análise e levantamento prévio de dados.

Não entraremos no debate dos fatos que causaram o rompimento entre a prosopografia e a história, mas daremos a Bourdieu a devida importância na transferência do aspecto que o método tinha. De fato, seus trabalhos conseguiram lançar o olhar social para questões não mais restritas que a história determinava.

Retomaremos ao uso do método e suas etapas. Desta maneira, poderemos identificar de forma clara o momento em que os métodos ou mesmo características qualitativas e quantitativas se entrelaçam, com a finalidade de apresentar um bom panorama do universo estudado.

No ponto inicial do uso prosopográfico, o pesquisador deve-se ater na construção dos verbetes<sup>4</sup>, aspecto que tem como principal característica ressaltar particularidades dos modelos qualitativos, devido à importância de se interpretar o objeto. Não podemos então defini-lo como pertencente a um ou outro.

---

4 Apontamento que contém um comentário, nota sobre um tema; papel em que se escreve esse apontamento.



O principal desafio está na categorização dos dados. Ao se utilizar toda a sociedade há a necessidade de delimitar o espaço geográfico no qual haverá o uso das fontes estatísticas (Charle, 2006). No momento de categorizar, cabe ao estudioso analisar dados qualitativos e quantitativos usando de toda a atenção ao se aprofundar nos contextos sociais e investigativos (Oliveira, 2015). Durante a interpretação dos dados deve-se buscar similaridades entre o grupo escolhido, servindo também de estudo o inverso.

Isto é, no momento do levantamento dos dados, números brutos que respondem questões presentes no verbete trazem nuances dos modelos quantitativos, afinal existe todo um aparato matemático nessa parte de análise. Se relacionam diversos índices que a princípio não possuem o teor autoexplicativo e por mais específicos e exatos que sejam, eles são barrados pelo principal problema encarado pelos modelos quantitativos: número são apenas números, caso não haja um teor lógico e relacional com alguma atividade ou interação social.

A prosopografia se constitui como ponto de partida, estabelecendo-se como “material de base” ou “primeira etapa da pesquisa” (Nicolet apud Charle, 2006). O grande diferencial desse método encontra-se em não ser o instrumento que responderá todas as questões, mas sim aquele que recomendará o objeto que será estudado. Não dará soluções, mas entregará o fenômeno apto a investigação.

Quando o pesquisador decide estudar as elites, o mesmo poderá utilizar-se do método prosopográfico, com o objetivo de “procurar a fundo penetrar em um dos meios de poder conhecendo seus mecanismos concretos” (Charle, 2006).

A despeito do uso de qualquer método, existem pontos positivos e negativos. A problemática está desde o tempo gasto para o levantamento dos dados, até a própria interpretação dos mesmos. Os cuidados são similares aos encontrados nas técnicas e métodos já citados anteriormente, sendo redobrados devido a característica plural da sua concepção e prática.

Nota-se o cuidado em contextualizar o objetivo, usando para tal, marcos no tempo, remetendo a períodos ligados a momentos históricos ou que possuam relevância, podendo alterar as interações sociais. Esse cuidado é considerado importante para evitar a análise de grupos numerosos e dados que levem muito tempo para serem processados.

Posto que o entendimento do objeto pelo método prosopográfico, abrange muitos pontos que são utilizados para melhor entendimento do universo, tal característica só é viabilizada devido a uma conduta reflexiva do pesquisador, não deixando de monitorar e perceber quais limites deve tomar. Posicionamento esse que resguardará uma análise clara dos pontos elencados.



O foco está justamente no uso de técnicas variadas que se agrupam para facilitar a prosopografia, tendo em vista que apresentam como objetivo a compreensão do papel do ser humano na sociedade. No que se refere aos métodos qualitativo e quantitativo, por exemplo, “ambas se apoiam nas interações sociais que ocorrem sob a pressão das estruturas sociais” (Boudieu, 1993).

Seria precipitado apontar uma separação dos métodos e técnicas, uma vez que todos se utilizam do mesmo espaço de interação social. A escolha de uso ocorre na busca de uma notoriedade e generalização da pesquisa. Na prosopografia, habilita-se o uso da interpretação do pesquisador no momento de se construir os verbetes ao rigor dos dados que, de maneira crua, não representam nada sem o papel atuante do sociólogo.

## CONCLUSÃO

Buscamos trazer o entendimento teórico do método prosopográfico, através do conhecimento básico. Mostrar de maneira prática que a separação qualitativa e quantitativa não cabe ao seu uso, uma vez que, sem alinhar ambos os pensamentos o próprio instrumento perde sua eficácia e finalidade, cabendo sua forma a outros métodos já mencionados.

Ele nada mais é do que uma junção de técnicas presentes na metodologia, onde os mesmos princípios subjacentes se “aplicam nas maneiras de se trabalhar”, não havendo tanta separação. Todos os sociólogos buscam “descobrir algo que valha a pena saber” (Becker, 1997).

Observa-se o papel atuante dos agentes sociais na tentativa de classificar e determinar cada método, iniciando com Parsons que buscou em sua teoria definir os clássicos, para que dessa forma pudesse desenvolver seu pensamento empírico, obtendo como resultado a popularização do uso de modelos quantitativos nos trabalhos e pesquisas acadêmicas.

No final, é a busca por falhas ou lacunas que não respondem por completo uma problemática, que gera a necessidade da predileção por um método ou outro, causando embates comuns entre pensamentos antagônicos, como por exemplo: as análises objetivas e subjetivas.

A prosopografia realça características que podem, de certo modo, corroborar com o pensamento do método completo. A partir dessa ideia concordamos que o método possui características qualitativas e quantitativas.

É pertinente perceber que existe um conhecimento prévio na real utilização de ambos os métodos, mas o ponto está na especificidade da prosopografia, que além do uso



apurado de outras técnicas, propõe ser a base ou primeiro passo para qualquer estudo, ou seja, indica o que se deve estudar, aponta possíveis fenômenos e permite ao estudioso a escolha da melhor abordagem.

Tal evidência apresentada durante nossa análise, indica aspectos qualitativos e quantitativos no método estudado, corroborando com a ideia de que a categorização não cabe em nenhum momento de sua elaboração, afinal os passos entre um resultado e outro trazem nuances que não podem se desassociar ao método como todo.

A prosopografia se torna similar a um trabalho que necessite de vários métodos para que o resultado esperado seja alcançado, como por exemplo, a utilização do método da observação participante em conjunto com o método de entrevista. No caso da prosopografia seria devido aos passos comuns de análise e construção do objeto proposto.

Não estamos afirmando que a prosopografia por si só teria o poder de responder por completo questionamentos do objeto de pesquisa, ou ainda, que teria a equivalência do uso de dois ou mais métodos, mas que a mesma apresenta características dos métodos qualitativos e quantitativos.

Evidencia-se que após apresentar um pouco do método objeto deste trabalho, é perceptível a sua extensão. Fica claro que as utilizações de técnicas quantitativas trazem ao pesquisador qualitativo “direções e orientações gerais” (Becker, 1997). O emprego dos métodos e técnicas foge da própria segurança que um ou outro poderá trazer. Aceita-se que antes de tudo o uso dos métodos qualitativos e quantitativos, permeiam o início, desenvolvimento e finalmente a conclusão da pesquisa, de maneira prática e direta no uso da prosopografia.

## REFERÊNCIA

- ALVES-MAZZOTTI, A. Usos e Abusos do Estudo de Caso. Cadernos de Pesquisa, v. 36, n. 129, set./dez. 2006p. 637-651.
- APENDICE 1. In: Como estudar elites. Curitiba, Editora UFPR, 2016, pp. 281.
- APENDICE 3. In: Como estudar elites. Curitiba, Editora UFPR, 2016, pp. 301.
- BEAUD, S. & WEBER, F. Preparar e Negociar uma Entrevista Etnográfica. In: Guia para Pesquisa de Campo. RJ, Vozes, 2007. Pp. 118-
- BECKER, H. 9. Parábolas, tipos ideais e modelos matemáticos. In: Falando sobre sociedade. RJ. Zahar, 2009.
- BECKER, H. Amostragem. Segredos e Truques da Pesquisa. Zahar, RJ. 2007, pp. 96-114.
- BECKER, H. Capítulo 2: Problemas de Inferência e Prova na Observação Participante. In: Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais. São Paulo, Hucitec, 1997, pp. 47-64.



- BECKER, H. Capítulo 4: História de Vida e Mosaico Científico. In: Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais. São Paulo, Hucitec, 1997, pp. 101-116.
- BECKER, H. Capítulo 5: Observação Social e Estudo de Caso. In: Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais. São Paulo, Hucitec, 1997, pp. 117-134.
- BOURDIEU, P. Compreender. A Miséria do Mundo. Vozes, RJ.
- CHARLE, C. A prosopografia ou biografia coletiva: balanço e perspectivas. In: Por outra história das elites. RJ, FGV. 2006, 41-54.
- CHAUVIN, S JOUNI, N. A Observação Direta. In: PAUGAM, S. A Pesquisa Sociológica. Vozes, Petrópolis, 2015, pp. 124-140.
- FIRDION, J. M. Construir uma amostra. In: PAUGAM, S. A Pesquisa Sociológica. Vozes, Petrópolis, 2015, pp. 67-84.
- FREITAS, Henrique; et al. O método de pesquisa survey. Revista de Administração, São Paulo, v.35, n.3, p.105-112, junho/setembro, 2009.
- GHIGLIONE, R. Questionner. In: Les Techniques d'enquete en Sciences Sociales. Paris, Dunod. Pp. 127-182.
- GIDDENS, Anthony. & TURNER, Jonathan. Teoria social hoje. São Paulo: UNESP, 1999.
- GIDDENS, Anthony. Política, sociologia e teoria social: encontros com o pensamento social clássico e contemporâneo. São Paulo: UNESP, 1998.
- GONZALES, R. O método comparativo e a ciência política. Revista de Estudos e Pesquisas sobre as Américas, Vol. 2, Nº 1, Janeiro-Junho (2008)
- HEINZ, F. CODATO. A. A Prosopografia explicada por cientistas políticos. In: Como estudar elites. Curitiba, Editora UFPR, 2016, pp. 249-178.
- HEYMANN, L. Q. Indivíduo, memória e resíduo histórico: uma reflexão sobre arquivos pessoais e o caso Filinto Müller. Estudos Históricos, v. 10, n. 19, 1997, pp. 41-66.
- ISRAEL, L. O uso de arquivos em sociologia. In: PAUGAM, S. A Pesquisa Sociológica. Vozes, Petrópolis, 2015, pp.141-155.
- LALOUETTE, J. Do exemplo à série: a história da prosopografia. In: Por outra história das elites. RJ, FGV. 2006, 55-74.
- MILLS, C. W. A imaginação sociológica. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.
- PADILHA e BORENSTEIN, Maria Itayra Coelho de Souza e Miriam Süsskind. O método de pesquisa histórica na enfermagem. Texto contexto - enferm. [online]. 2005, vol.14, n.4, pp.575-584.
- PASSERON, J. C. O que diz uma tabela e o que se diz dela. In: O Raciocínio Sociológico.
- PAUGAM, Serge (Org.) A pesquisa sociológica. Petrópolis: Editora Vozes, 2015.
- REVEL, Jacques. Micro-história, macro-história: o que as variações de escala ajudam a pensar em um mundo globalizado. Rev. Bras. Educ., Dez 2010, vol.15, no.45, p.434-444. ISSN 1413-2478
- SAFI, M. A dimensão temporal dos fatos sociais: a pesquisa longitudinal. In: PAUGAM, S. A Pesquisa Sociológica. Vozes, Petrópolis, 2015, pp.253-269.
- SCHNEIDER, S. & SCHIMITT, C. J. O uso do método comparativo nas Ciências Sociais. Cadernos de Sociologia, Porto Alegre, v. 9, 1997, p. 49-87.